

**RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES ENTRE A
COMUNICAÇÃO SOCIAL E A EDUCAÇÃO FÍSICA/
ESPORTE : Um ponto de vista**

Luís Sérgio Peres¹

1. Introdução

As práticas curriculares em Educação Física hoje no Brasil, pelas inúmeras revisões que foram efetuadas no conjunto das instituições de ensino superior, constituem-se numa prática conjugada, onde se pode observar que os planos curriculares ainda estão centrados numa proposta estritamente tecnicista, desvinculada de uma formação voltada para o profissional, com disciplinas de cunho sócio, filosófico e cultural insuficientes, e ministradas sem conexão com os reais objetivos do curso.

Neste contexto de crise, encontram-se dois sujeitos por excelência do processo educativo. De um lado o professor, não sabendo situar-se, desmotivado, desmoralizado e desacreditado socialmente, como aponta SILVA (1993a, p. 13): “o magistério brasileiro veio cambaleando, neste século, entre os trilhos da ilusão e da desilusão para chegar a sentir-se, neste agora, completamente coisificado, degradado e vilipendiado”.

De outro lado temos “o aluno que não encontra na escola um espaço de discussão dos seus reais problemas, seus apelos não encontram ressonância, seu centro de interesses são outros, freqüentam a escola obrigados pela família, ou para alcançar um posto de trabalho, mas isto não significa a realização pessoal por si só” (PERES, 2000, p. 42).

O reconhecimento da crise é um fator positivo porque desvela a realidade objetiva e nos desafia na busca de novas perspectivas para a educação. É preciso redefinir a função social da escola enquanto instituição e redefinir a docência enquanto mediação entre sujeitos sociais distintos que buscam no diálogo uma possibilidade de entendimento:

¹ Professor Assistente do Curso de Educação Física da Unioeste

Na mediação da docência em sala de aula, que se efetivam as aprendizagens formais e sistemáticas e os conteúdos delas adquirem vida ao serem assumidos na qualidade de elementos determinados do conhecimento alcançado no entendimento compartilhado por professores e alunos, sujeito/atores do seu ensinar e aprender. Os alunos com seus saberes da vida e o professor, além dos saberes da própria experiência vivida, com o saber organizado e sistematizado, sob forma escolar e em função dela, na cultura e nas ciências. (MARQUES, 1995, p. 42).

Mas este entendimento de docência é problemático, porque a maioria dos professores, ou não conseguiu ainda superar a concepção tradicional da docência, ou permanece perdido entre as diversas abordagens pedagógicas, como sintetiza SILVA (1993a, p. 17):

As chamadas 'inovações pedagógicas', enlatadas e vendidas por gurus de fala grossa, circulam pelos desertos do magistério conforme estações da moda: neste semestre, esta proposta; no semestre que vem aquela abordagem. Nesse veste desveste de propostas, teorias, abordagens, inovações, etc..., os professores se sentem eternamente como seres desnudos e desnucados.

Portanto, acreditando que a compreensão da especificidade da docência, enquanto espaço privilegiado de uma relação intercomunicativa entre os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, possa ser um dos elementos para a superação desta crise. O egresso ao sair do campus universitário, torna-se um docente apático à evolução cultural e social, acomodando-se, tornando-se um tradicional professor de educação física.

Quanto ao desenvolvimento de suas atividades, não motiva ou não desenvolve nos seus alunos o amor próprio pelo esporte, pela prática do movimento e pela saúde, esquecendo que atualmente a educação física encontra-se no desenvolvimento de produção científica, principalmente nas áreas relacionadas com a corporeidade, a educação física infantil e o esporte sem precedentes no Brasil. Desmistificam-se ideologias, questionam-se movimento e o surgimento das oportunidades de mudanças, só que a grande realidade do dia-a-dia, na prática e na vivência, não se concretiza, muitos docentes são acomodados, indiferentes às transformações e com receios de mudar.

MORO (1993a, p. 62) advoga que

a compreensão da educação física enquanto processo de humanização da corporeidade do indivíduo, e de sua sociedade, estaria requerendo constantes

análises e adequações dos caminhos que tem percorrido, até então. Pois acredita-se que a partir deste tipo de prática conseguiríamos tornar mais transparente a realidade desta área de conhecimento a qual a própria educação física institucionalizada tem produzido espaços agravantes com respeito a educação dos indivíduos e seus valores psicossociais, como a autonomia, o liberdade e a democracia.

Neste sentido, continua o autor acima,

ao caracterizarmos a interdisciplinaridade como uma relação de mutualidade frente ao problema do conhecimento, deveríamos levar em conta que ela constituiu-se o próprio comportamento crítico necessário à superação de concepções fragmentárias do Homem e sua sociedade. E, enquanto ser histórico, por isso capaz de fazer a crítica necessária à tomada de consciência de si e do mundo, leva-nos a entender que o processo da interdisciplinaridade passaria necessariamente pela compreensão do fazer deste Homem. (p.63).

Com isso em mente, o conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação e de iluminação de aspectos não distinguidos.

Tendo presente este fato, é fácil constatar que algumas disciplinas se identificam e aproximam, outras se diferenciam e distanciam, em vários aspectos: pelos métodos e procedimentos que envolvem, pelo objeto que pretendem conhecer, ou ainda pelo tipo de habilidades que mobilizam naquele que a investiga, conhece, ensina ou aprende.

Nesta multiplicidade de interações e negações recíprocas, a relação entre as disciplinas tradicionais pode ir da simples comunicação de idéias até a integração mútua de conceitos diretores, da epistemologia, da terminologia, da metodologia e dos procedimentos de coleta e análise de dados. Ou pode efetuar-se, mais singelamente, pela constatação de como são diversas as várias formas de conhecer.

Nesse sentido, BRACHT (1999), sugere que é importante termos claro que a definição do objeto da educação física está relacionado com uma função ou com o papel social a ela atribuído e que define, em largos traços, o tipo de conhecimento buscado para sua fundamentação. Os termos “atividade física” e “exercícios físicos” são fortemente marcados pela idéia de que o papel da educação física é contribuir para o desenvolvimento da aptidão física e pertence claramente, no plano do

conhecimento, ao arcabouço conceitual das disciplinas científicas do âmbito da biologia e das ciências biológicas.

A definição clássica da educação física, conforme o mesmo autor, nessa perspectiva é que “considera como disciplina que, por meio das atividades físicas, promove a educação integral do ser humano – mas, a conotação, na prática, é a do desenvolvimento físico–motor, ou da aptidão física, servindo a “educação integral do ser humano”, para satisfazer–caracterizar o discurso pedagógico” (BRACHT, 1999, p.45).

Com o tempo, continua BRACHT (1999), passou-se a privilegiar os termos “movimento humano” (em alguns casos, “motricidade humana”), destacando-se a partir desta perspectiva, a importância do movimento para o desenvolvimento integral da criança, sendo esse o papel atribuído à educação física.

Uma outra definição neste caso, é a de que a educação física é a educação “do” e “pelo” movimento. Como exemplo paradigmático, temos a abordagem desenvolvimentista de TANI et al (1988), mas também, com nuances a educação de corpo inteiro de FREIRE (1992).

Uma outra perspectiva presente, é a de que o objeto da educação física é cultura corporal de movimento. É importante salientar que se, em princípio, fala-se neste caso das mesmas atividades humanas presentes nas concepções anteriores, as expressões para denominá-las denunciam, além de uma diferença terminológica, diferenças e conseqüências substanciais no plano pedagógico, pois objeto de uma prática pedagógica é uma construção – e não uma dimensão inerte da realidade – para a qual pressupostos teóricos são fundantes e/ou constitutivos. Não é possível dissociar o fenômeno do discurso da teoria, que constrói o conhecimento enquanto objeto (pedagógico).

Nessa mesma perspectiva, movimentar-se é entendido como forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtor de cultura, mas também possibilitado por ela. É uma linguagem, com especificidade, é claro, mas que, enquanto cultura habita o mundo do simbólico.

No entanto, trabalhar na educação física com o movimentar-se na perspectiva da cultura (cultura corporal do movimento), não basta para colocá-la no âmbito de uma concepção progressista da educação, mesmo porque, o conceito de cultura pode ser definido e operacionalizado em termo social e politicamente conservadores. É preciso portanto articular um conceito de cultura, que se coadune com os pressupostos sociofilosóficos da educação crítica.

Para Geertz citado por THOMPSON (1995, p.176) “Cultura é o padrão de significado incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças”.

Aponta a insuficiência dessa concepção, dizendo que

estas formas simbólicas estão também inseridas em contextos e processos sócio-históricos específicos dentro dos quais, e por meio dos quais são produzidas, transmitidas e recebidas. Estes contextos e processos estão estruturados de várias maneiras. Podem estar caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas (THOMPSON, 1995, p.181).

Dessa forma, a análise cultural como o estudo de formas simbólicas deve considerar os contextos e processos específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. Portanto, o movimentar-se e mesmo o corpo humano precisam ser entendidos e estudados como uma complexa estrutura social de sentido e significado, em contextos e processos sócio-históricos específicos.

Uma das razões para entendermos nosso objeto valendo-nos do conceito de cultura diz respeito ao fato de que ela é uma categoria-chave para o empreendimento educativo de maneira geral. A relação entre educação e cultura é orgânica, como lembra FORQUIN (1993, p. 13-14) “que justifica fundamentalmente o empreendimento educativo é a responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura (...) A cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última”

Nas abordagens de educação física baseadas no conceito (biológico) de atividade física e no conceito (psicológico) da abordagem desenvolvimentista, o corpo e o movimentar-se humano apresentam-se desculturalizados. Duas observações ainda se fazem necessárias quanto à relação cultura-educação:

- a) “a educação ‘realiza’ a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana”. FORQUIN (1993, p.14);

- b) “Uma cultura da educação, vê a educação, a pedagogia e o currículo como campos de luta e conflito simbólicos, como arenas contestadas na busca da imposição de significados e de hegemonia cultural”. SILVA, (1993b, p.122).

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido, ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários.

Conforme MORO (1993, p. 10), “a educação física enquanto pretende-se interdisciplinar consiste num trabalho em comum, onde se consideram a interação das disciplinas científicas, de seus conceitos, diretrizes, de sua metodologia e de seus procedimentos”.

Essa integração entre as disciplinas para buscar compreender, prever e transformar a realidade aproxima-se daquilo que Piaget chama de estruturas subjacentes. O autor destaca um aspecto importante nesse caso: a compreensão dessas estruturas subjacentes não dispensa o conhecimento especializado, ao contrário. Somente o domínio de uma dada área permite superar o conhecimento meramente descritivo para captar suas conexões com outras áreas do saber na busca de explicações.

2. A educação física e a LDB: Uma análise crítica

Outro contexto relevante é aquele indicado pela LDB, onde destaca o exercício da cidadania. Desde logo, é preciso que a proposta pedagógica assuma o fato trivial de que a cidadania não é dever nem privilégio de uma área específica do currículo, nem deve ficar restrita a um projeto determinado. Exercício de cidadania é testemunho que se inicia na convivência cotidiana e deve contaminar toda a organização curricular. As práticas sociais e políticas, e ainda as práticas culturais e de comunicação são parte integrante do exercício cidadão, mas a vida pessoal, o cotidiano e a convivência e as questões ligadas ao meio ambiente, corpo e saúde também os são.

O contexto que é mais próximo do aluno e é mais facilmente explorável para dar significado aos conteúdos da aprendizagem é o da vida pessoal, cotidiana e convivência. O aluno vive num mundo de fatos

regidos pelas leis naturais e está imerso num universo de relações sociais. Está exposto às informações cada vez mais acessíveis e rodeado por bens cada vez mais diversificados, produzidos com materiais sempre novos. Está exposto também a vários tipos de comunicação pessoal e de massa.

PERES (1999) advoga que o jovem não inicia a aprendizagem escolar partindo do zero, mas com uma bagagem formada por conceitos já adquiridos espontaneamente, em geral sendo mais carregados de afetos e valores por resultarem de experiências pessoais. Ao longo do desenvolvimento, aprende-se a abstrair e generalizar conhecimentos aprendidos espontaneamente, mas é bem mais difícil formalizá-los ou explicá-los em palavras porque, diferentemente da experiência escolar, não são conscientes nem deliberados.

Segundo o mesmo autor, na escola os conteúdos curriculares já são apresentados ao aluno na sua forma mais abstrata, formulados em graus crescentes de generalidade. A sua relação com esse conhecimento é, portanto, mais longínqua, mais fortemente mediada pela linguagem externa e menos pessoal. Nessas circunstâncias, ainda que aprendido e satisfatoriamente formulado em nível de abstração aceitável, o conhecimento tem muita dificuldade para aplicar-se a novas situações concretas que devem ser entendidas nos mesmos termos abstratos pelos quais o conceito é formulado.

A educação sistemática ofertada à população hoje dá a impressão de que só incorporou os defeitos da massificação, não conseguindo incorporar as vantagens da democratização. Tem-se proclamado nos discursos teóricos, nos textos legais e na retórica oficial, que o objetivo final de toda educação, plena realização do homem, é o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Trata-se de uma colôcação de objetivos de modo genérico e abstrato, impossível de ser contraditada enquanto dimensão humanista, referindo-se a um ideal que se quer alcançar. Assim, ela visa uma maior humanização, a planificação da existência humana, para que se esclareça concretamente os caminhos a seguir na realidade histórica.

O profissional de Educação Física, deve ter uma profunda visão social da escola, de sua história, problemas e perspectivas na sociedade brasileira. Sua formação acadêmica deve compatibilizar uma formação unilateral necessária a um educador com embasamento interdisciplinar, sem desvincular-se da formação específica em Educação Física, enquanto área delimitada do conhecimento. O ponto crucial deve ser a mediação entre a formação geral e específica, na qual os conhecimentos

provenientes devem interagir, confrontar-se e reconstruir-se em conhecimentos visando a interação teoria-prática no processo ensino aprendizagem.

Só tem algo a ensinar aquele que, por meio de pesquisa, constrói uma personalidade própria científica, aquele que tem uma contribuição original; caso contrário, não vai além de narrar aos estudantes o que leu por aí. E se atribuímos à Universidade um compromisso com a qual está inserida, para que não fique apenas na teoria, mas consiga descer à prática, isto se consegue da melhor maneira possível, se a intervenção na realidade estiver baseada em pesquisa prévia, porque não se pode influenciar o que não se conhece (DEMO, 1987, p. 8).

Neste contexto, a Educação Física enquanto ciência, implica estudar porque o homem se movimenta e que perspectiva existe para ele.

A Educação Física não deve ser aceita como prática robotizante e utilitarista dado ao corpo das atividades físicas, desta forma significar educação do físico, do corpo, da substância material do homem, significar um amontoado de receitas para aumentar a resistência ou perder barriga. Não podemos entender a Educação Física como algo autônomo em relação a sociedade como algo que acontece independente dos sujeitos e da realidade concreta onde estes homens produzem sua existência (SAVIANI, 1986).

É preciso buscar um educador que esteja vinculado a todo um contexto histórico, sociocultural, a formação de um homem inserido na sua realidade de forma contextualizada, na busca efetiva de uma transformação social.

A LDB nº 9.394/96 aponta as finalidades específicas do Ensino Médio, a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental; o prosseguimento dos estudos; o preparo para o trabalho e a cidadania; o desenvolvimento de habilidades como continuar a aprender e capacidade de se adaptar com flexibilidade às novas condições de ocupação e aperfeiçoamento; o aprimoramento do educando como cidadão, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática.

A visão legal, quando confrontada com a realidade do ensino de Educação Física, apresenta-nos um paradoxo: O paradigma hegemônico dos últimos dois séculos, o newtoniano-cartesiano, mecanicista em estruturação e nos critérios balizadores de ação e avaliação, fundada na crença de que a soma dos conhecimentos particulares apontaria para o entendimento do todo, sofre severas críticas e sua validade, colocada sob suspeita com relação a nossa prática pedagógica, o que tem pouco contribuído para a compreensão dos fundamentos, para o desenvolvimento da habilidade de aprender ou sequer para a formação ética.

Nesse sentido, uma vinculação das competências da área com os objetivos do ensino médio e a opção pela aproximação desses com o ensino de Educação Física parece-nos a “saída” para o impasse com o qual nos deparamos. O motor dessa transformação é a real constatação de que o educando vem, paulatinamente se afastando das quadras, do pátio, dos espaços escolares e buscando em locais extra-escolares experiências corporais que lhe trazem satisfação e aprendizado como parques, clubes, academias, agremiações, festas regionais.

Confrontando, portanto, os objetivos do Ensino Médio com os que se tem no cotidiano da Educação Física nas escolas, deparamo-nos com uma incongruência. Enquanto as demais áreas de estudo dedicam-se a aprofundar os conhecimentos dos alunos, através de metodologias diversificadas, estudos de meio, exposição de vídeos, apreciação de obras de diversos autores, leituras de textos, solução de problemas, discussão de assuntos atuais e concretos, as aulas do “mais atraente” dos componentes, limitam-se aos já conhecidos fundamentos do esporte e jogo.

A influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional.

Esses códigos podem ser resumidos em: a) princípios de rendimento atlético/desportivo; b) comparação de rendimento; c) competição; d) regulamentação rígida; e) sucesso no esporte como sinônimo de vitória; f) racionalização de meios e técnicas, etc. Essa espécie de atividade determina relações entre professor e aluno que passam a ser: professor-treinador e aluno-atleta. Esse posicionamento, presente em grande parte das escolas brasileiras é fruto da pedagogia tecnicista muito difundida no Brasil na década de 70. Vários autores têm abordado

essa temática, coincidindo suas opiniões na necessidade de superação.

Educação Física precisa buscar sua identidade como área de estudo fundamental para a compreensão e entendimento do ser humano, enquanto produtor de cultura.

Essa discussão não se dá unicamente no Brasil. Educadores de diversos países têm se preocupado com essas questões e buscado alternativas para superá-las. Podemos destacar os trabalhos realizados na área psicomotora, humanista e a desenvolvimentista. Essas vertentes conduzem a um resultado da importância do trabalho com o movimento dentro da instituição escolar.

As informações disponíveis na literatura demonstram uma estreita associação entre os níveis habituais de prática de atividade física e os índices de adiposidade e de desempenho motor. Isso indica que quanto mais ativa for a criança e o adolescente, no seu dia-a-dia, menor será sua tendência ao acúmulo de gordura.

A incidência cada vez maior de adolescentes e jovens obesos, com dificuldades oriundas da falta de movimento, com possibilidades de acidentes cardiovasculares e com oportunidades reduzidas de movimento, leva-nos a pensar na retomada da vertente voltada à Aptidão Física e Saúde.

Estudando o trabalho do professor de Educação Física, conclui-se que esse profissional adquire uma considerável bagagem de conhecimentos, durante a sua formação, e o empobrecimento do seu trabalho nas escolas leva-o ao não-resgate do que aprendeu, ao esquecimento, à sub utilização de seu potencial, ou seja, a não utilização de suas capacidades e habilidades.

A vida escolar foi bastante modificada pela nova lei, dando abertura à iniciativa das escolas e à equipe pedagógica. O professor de Educação Física, nesse momento, passa a ser mais exigido quanto à sua qualificação e ao uso de seu conhecimento, principalmente, no que corresponde ao planejamento de atividades que venham ao encontro dos interesses e necessidades dos alunos.

Portanto, todo e qualquer projeto de estímulo à atividade física deve ser proposto pelo professor, submetido à aprovação pela equipe pedagógica e incluído na proposta de trabalho da escola.

O avanço tecnológico tem trazido mudanças de hábitos aos homens com resultados positivos e negativos. Dentre os negativos, tem sido destaque o stress acumulado, que torna o indivíduo sujeito a doenças

psicossomáticas, como ansiedade, frustração e depressão, ou até um sentimento generalizado de insatisfação, prejudicando as relações interpessoais. Outras causas citadas, como resultantes do avanço tecnológico são os problemas respiratórios, musculares, distúrbios no aparelho imunológico, hipertensão arterial, arteriosclerose e cardiopatias. Com relação às positivas, temos o conforto na forma de nos comunicarmos, com maior rapidez e confiabilidade.

KUNZ (1994) coloca que o professor de Educação Física deve buscar, a todo custo, uma integração com o trabalho desenvolvido na escola, colocando o seu componente curricular no mesmo patamar de seriedade e compromisso com a formação do educando.

Nas ações corporais dos jovens e adolescentes, durante as atividades físicas, segundo LIMA & CARVALHO (1996, p. 33):

as atividades físicas englobam a educação física e os esportes, como atividades que buscam a saúde, o lazer e a relação social têm sua culminância, no âmbito escolar, comunitário e na área pública e privada”, sendo que o enfoque está voltado para o corpo, para as idéias e para os sentimentos que continuam sendo controlados. Dessa forma, o corpo acabará imobilizado, sem reações, sem vibrações, tornando as idéias conservadoras, tensas e rígidas.

Essas palavras podem soar estranhas a muitos educadores. No entanto, sabe-se que, em diversas escolas, a disciplina encontra-se desprestigiada e relevada a segundo plano. Tal fato é de fácil verificação. Basta notar que nem sempre somos chamados a opinar sobre alterações nos assuntos escolares, conselho de classe, conselhos de escola etc. Portanto, mostrar-se presente e envolvido coma proposta da unidade, e apresentar os resultados do trabalho é um dado importantíssimo na recuperação do prestígio da disciplina.

Segundo Art.27, Inciso IV da LDB, “Os conteúdos curriculares da Educação Básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes: Promoção do esporte educacional e apoio às práticas esportivas não-formais”. Notamos que o legislador procurou desvincular o espaço escolar daquele antigo campo de descoberta de talentos esportivos. O esporte, de preferência não-formal e de cunho educativo, deve encontrar-se presente na escola. O que significa que os momentos dessa prática devem atender a todos os alunos, respeitando suas diferenças e estimulando-os ao maior conhecimento de si e de suas potencialidades.

O Art.36, inciso I da LDB estabelece:

O currículo do ensino médio destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes, o processo histórico de transformação da sociedade da cultura, a Língua Portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania. A LDB nos dá a idéia de que o professor de Educação Física deve perceber-se como membro de uma equipe que está envolvida com um trabalho grandioso: educar o cidadão do próximo século.

A Lei de Diretrizes e Bases em vigor, ao ser interpretada, indica uma direção obrigatória: a busca de aperfeiçoamento constante dos profissionais envolvidos com o ensino. O professor de Educação Física não deve encontrar no comodismo, no individualismo e no ressentimento a solução de seus problemas na escola. Acrescenta-se ainda que os professores devem ter muita persistência, criatividade e competência técnica para o desempenho de suas tarefas e não se deixar envolver em simplificações do ato pedagógico.

SEVERINO (1993), coloca que não há quem não reconheça a importância e a necessidade da educação para a sociedade brasileira. Em decorrência, se valoriza igualmente, no plano do discurso, a função do professor e a necessidade de sua qualificada formação. Mas também aqui prevalece o paradoxo: as medidas tomadas e os investimentos feitos com vistas a essa formação em nada correspondem aos valores apregoados. Os profissionais da educação são formados segundo esquemas definidos há 20 anos e, apesar dos diagnósticos feitos da precariedade dessa formação, das críticas e sugestões já formuladas e de todas as declarações da importância do papel dos educadores, nada de novo aconteceu que efetivamente repercutisse na situação do magistério, sobretudo no ensino básico. Ao contrário, a situação só piorou, começando pela verdadeira degradação salarial da categoria, índice significativo de relevância real de uma função numa sociedade regida por economia capitalista. Não bastasse o aviltamento do salário, os professores ainda se defrontam com as condições de trabalho piores possíveis, tal o descaso em que se encontram as escolas, sobretudo aquelas da rede pública.

3. A linguagem do corpo na educação física

PERES et al (1998) colocam que o “corpo”, ao mesmo tempo, modo e meio de integração do indivíduo na realidade do mundo, ele é necessariamente carregado de significado. Sempre soubemos que as

posturas, as atitudes, os gestos e sobretudo o olhar exprimem melhor do que as palavras as tendências bem como as emoções e os sentimentos da pessoa que vive numa determinada situação, num determinado contexto.

O professor deve cumprir o seu papel de mediador, adotando a postura de interlocutor de mensagens e informações; sendo flexível no tocante às mudanças do planejamento e do programa de curso; mostrando aos alunos que aquele é um espaço de aprendizagem e procurando entender e aceitar as relações corporais existentes no mundo humanizado para o bom desempenho do seu papel de educador.

É com o corpo que somos capazes de ver, ouvir, falar, perceber e sentir as coisas. O relacionamento com a vida e com outros corpos dá-se pela comunicação e pela linguagem que o corpo é, e possui. Essa é a nossa existência, na qual temos consciência do eu no tempo e no espaço. O corpo, ao expressar seu caráter sensível, torna-se veículo e meio de comunicação.

A comunicação corporal entre os indivíduos tende a acontecer quando estes têm a consciência de seus corpos sensíveis, repletos de vontade e intencionalidade. Portanto, a receptividade e a transmissão de informações, através dos movimentos corporais entre os indivíduos acontecem de maneira natural e espontânea, sucedendo-se entre eles um elo de ligação preso pela sensibilidade. A comunicação é uma negociação entre pessoas, um ato criativo. E quando nós nos comunicamos formamos um sistema de interação e reação integrado em harmonia.

Os gestos, as posturas e as expressões faciais são criados, mantidos ou modificados em virtude de o homem ser um ser social e viver num determinado contexto cultural. Isto significa que os indivíduos têm uma forma diferenciada de se comunicar corporalmente, que se modifica de cultura para cultura.

E o indivíduo, por sua vez, aprende a fazer uso das expressões corporais, de acordo com o ambiente em que se desenvolve como pessoa. Isso quer dizer que todo movimento do corpo tem um significado, de acordo com o contexto.

Se o aluno não quer participar da aula e seu corpo o demonstra, nem sempre o professor procura saber o que está acontecendo, desconsidera o fato e segue adiante com o seu trabalho. Nesse contexto, o corpo é considerado como um objeto reprodutor de movimentos e ações previamente estipulados pelo professor.

Sentir as emoções, transmitir vontades, decidir sobre o que quer

fazer, explorar as potencialidades com vigor são mensagens emitidas pelos alunos por meio dos movimentos corporais, e os professores, por sua vez, não as consideram significativas.

KUNZ (1994) advoga que os movimentos do corpo “certos” ou “errados” são determinados socialmente, indicando o comportamento adequado. O estabelecimento de padrões culturais de movimento acontece como se fosse um fenômeno natural. O jeito de andar, a postura corporal, a maneira de gesticular, o olhar, o ouvir, enfim, a conduta motora aparece como ação puramente biológica. A apreensão de determinado fenômeno depende dos instrumentos sógnicos de que se dispõe. Esses instrumentos vão moldar as ações internas e externas do indivíduo e vão, portanto, influenciar as relações entre as pessoas.

No que diz respeito à Educação Física, a conduta motora de um indivíduo depende do papel social que aquele desempenha. Dentro de traços comuns de motricidade que identificam os elementos de uma mesma comunidade, há diferenças de inúmeras ordens.

Qualquer área que pretenda estudar o movimento corporal, ou utilizá-lo de alguma forma, deve abordá-lo com a complexidade que o movimento corporal têm. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta a relação do corpo e meio social; é aqui que se inserem o beijo, o abraço, o jogo de futebol, a brincadeira de criança ou os códigos motores utilizados por determinada comunidade.

Isso explica, de certa forma, a localização social de determinadas práticas corporais – jogos, danças, esportes. Nossos alunos vibram ao jogar futebol, comunicam-se através dos movimentos: “você não entendeu aquela jogada?” A aceitação do vôlei de duplas cresceu bastante nos últimos anos; a capoeira ganha cada vez mais espaço; e o futsal já faz parte do cotidiano escolar.

Em segundo lugar, a linguagem corporal – desenvolvida não somente pela Educação Física, como também pela Arte – aglutina e expõe uma quantidade infinita de possibilidades, que a escola estimula e aprofunda, KUNZ (1994). Nesse sentido, o que se deseja do aluno do ensino médio é uma ampla compreensão e atuação das manifestações da cultura corporal.

Projetos como a elaboração de jogos, resgate de brincadeiras populares, narração de fatos e elaboração de coreografias podem estar perfeitamente articulados com Português, História, Geografia, Sociologia etc. Esclarece-se que a via de integração não é única, e sim de duas mãos,

o que significa que as demais áreas devem utilizar-se do movimento, buscando também integrar-se de forma eficiente com a Educação Física.

Exemplificando, é fator comum o pronto atendimento do professor às dúvidas apresentadas pelos alunos no que se concerne às questões de fisiologia do esforço. No transcorrer da aula, muitos alunos se queixam de dores musculares ocasionadas por esforços físicos anteriores, perguntando a todo momento por que as dores persistem mesmo após o exercício. O professor, impulsionado pelo entendimento de ser o único responsável por apresentar as respostas, perde uma excelente oportunidade de levar seus alunos à construção do seu próprio conhecimento, através de uma busca em diversas fontes como perguntar a outros professores ou investigar em casa ou na biblioteca da escola.

O desenvolvimento de um comportamento autônomo depende de suportes materiais, intelectuais e emocionais. Para a conquista da autonomia, é preciso considerar tanto o trabalho individual como o coletivo-cooperativo. O individual é potencializado pelas exigências feitas aos alunos no sentido de se responsabilizarem por suas tarefas, pela organização, pelo envolvimento com o tema de estudo.

A importância do trabalho em grupo está em valorizar a interação aluno-aluno e professor-aluno como fonte de desenvolvimento social, pessoal e intelectual. Situações de grupo exigem dos alunos a consideração das diferenças individuais, respeito a si e aos outros. Trazer contribuições para o cumprimento das regras estabelecidas são atitudes que propiciam a realização de tarefas conjuntas.

A proposição pelo professor de atividades de complexidade progressiva leva a uma necessidade de organização mental por parte do aluno. Constantes desafios aos alunos provocam desequilíbrios que precisam ser resolvidos e é nessa necessidade de voltar ao equilíbrio que ocorre a construção de pensamento.

Às vezes é o próprio professor de Educação Física que na comunidade detém a maior parte dos conhecimentos sobre higiene, saúde e até primeiros socorros, o que amplia o seu grande comprometimento social e responsabilidade perante a população que o rodeia, proporcionando-lhe o enriquecimento de suas tarefas pedagógicas e conseqüente elevação de seu status profissional.

Contudo, nem todos os alunos reúnem as condições necessárias para freqüentar essa atividade, mas caminhadas podem ser propostas sem que se alterem os objetivos das aulas.

Turmas que provêm de trabalhos esportivos-motores mais

eficientes lidam com o movimento esportivo de forma mais tranqüila que aquelas com níveis de motricidade inferiores. Comunidades urbanas ligam-se, muitas vezes, a determinadas modalidades esportivas, danças e lutas que as comunidades rurais ignoram e vice-versa. O professor não só deve atentar a essas características, como também conversar com o grupo de alunos, descobrindo as atividades de sua preferência, o que não significa abrir mão do seu trabalho.

Apesar dessa constatação, o professor pode, desde que amparado pelo seu planejamento, estruturar formas de trabalho em que, por exemplo, grupos de alunos alternem-se, simultaneamente, na execução de fundamentos esportivos e exercícios de ginástica, o que desencadearia discussões férteis sobre a elevação, oscilação e manutenção da frequência cardíaca, assim como as qualidades físicas envolvidas.

Essas idéias não intencionam a conformação do professor de Educação Física com as precárias condições de trabalho. A luta pela obtenção de condições próximas das ideais deve ser estimulada pelo educador de forma coletiva e voltada para o retorno aos alunos.

Raras vezes as escolas se preocupam em desenvolver ações educativas para levar os jovens a adquirir hábitos de vida que favoreçam a prática de atividades físicas de forma continuada. A aprendizagem escolar se constitui em excelente oportunidade para a prevenção e controle do excesso de peso corporal.

Esclarecendo: a compreensão do funcionamento do organismo, no que concerne ao consumo de energia ou acúmulo em forma de gordura, poderá diminuir a prática, tradicional entre os jovens, de períodos de jejum prolongados, utilização de inibidores de apetite, práticas desportivas utilizando excesso de agasalhos, a fim de alcançar uma silhueta culturalmente aceita como bela.

Outro ponto para a interdisciplinaridade, seria a implantação nas aulas de Educação Física, estudar os ritmos e danças existentes no nosso País, já que o mesmo é tão rico nesta área, onde o professor poderia começar resgatando o que seus alunos conhecem de música, quais estilos ouvem, quais estilos dançam, etc. Partindo daí para a inserção de pequenos momentos das aulas em que uma atividade ritmada seja desenvolvida, resgatando também sua origem, localização geográfica e histórica.

4. Educação física, manifestação e linguagem

O homem de hoje é resultado das mensagens que os Meios de Comunicação lhe transmitem, através de informações contidas em jornais, revistas, tv, livros, etc, conduzindo o ser humano a um conhecimento geral, de forma fundamental para o seu pleno desenvolvimento intelectual e cultural. Como HATJE e CARVALHO (1996, p. 73) nos colocam que:

“possam existir estudiosos de outras áreas do conhecimento que não vejam correlação entre Educação Física e a Comunicação Social, o certo é que são cada vez mais estreitas e fundamentais as relações entre elas, ambos vetores que convergem em busca de um objetivo humano, qual seja, a construção e o desenvolvimento da totalidade humana. A Comunicação Social, através dos meios de comunicação (rádio, televisão e impressos) tem entre outras funções, o dever de despertar e incentivar o homem para a prática das atividades físicas proporcionando ainda que indiretamente, a sua integração na sociedade”.

Segundo PERUZZOLO (1972), atualmente o ser humano não consegue viver sem comunicação e que, apesar de estarmos apenas no começo desta revolução cultural, algum meio de comunicação, são hoje presença irreversíveis e incontornáveis em cada lar. Um silencioso mas efetivo processo de aprendizagem está em marcha através do mundo, por meio de rádio, tela de cinema ou televisão, revistas, jornais, etc, agigantando cada vez mais, como um “mastodôntico” sistema para educação.

STEINBERG (1972) cita que a comunicação relaciona o indivíduo a outras pessoas e assim forma um ciclo social fundamental, pois desta forma possibilita a interação, e através dela os homens se tornam seres sociais e assim se mantêm. Voyene apud PERUZZOLO (1972, p. 13), coloca que:

“viver em sociedade é comunicar. Um grupo pode, a rigor, abster-se de intercambiar bens materiais. Mas, se ele não troca informações, idéias, emoções, desaparecem os próprios vínculos sociais, nada mais existindo em comum entre os grupos, e, conseqüentemente, desaparecem também a comunicação. A intercomunicação é como a respiração de uma sociedade. Ela condiciona sua existência, sua sobrevivência e sua ação”.

A comunicação social é hoje uma das principais dimensões da humanidade. Ela inaugurou uma nova época e produz um impacto que

aumenta, na medida em que avançam os satélites, a eletrônica e a ciência, em geral. Paulo VI apud PERUZZOLO (1972, p. 17), cita que: “entre as mudanças maiores de nosso tempo, nós não queremos deixar de salientar a importância crescente que assumem os meios de comunicação social e seu influxo na transformação das mentalidades, dos conhecimentos e da própria sociedade... estes mesmos meios...chegam a representar como que um novo poder”.

BELTRAMI (1976, p. 48) coloca que a comunicação:

que era apenas grupal antigamente, passa a ter dimensões universais. E o homem de hoje passa do isolamento comunitário em que vivia para uma vivência cosmopolita, que altera hábitos, costumes, cultura e cria novas necessidades sociais, mas por outro lado, deram ao mundo dimensões de pessoas e fizeram a pessoa ter dimensões de mundo, modificando o modo de pensar e de viver do homem de hoje, democratizando a cultura, ampliando a convivência dos homens, na construção de um mundo de vizinhança.

PERES (1993, p. 51) cita que:

a comunicação no esporte é indispensável e imprescindível, sendo que a mesma deve ser elástica, rápida e diversificada, para que o entendimento da mensagem seja bem assimilada. Cada técnico/professor, fará o uso dos códigos que achar mais eficiente para a boa interpretação da mensagem”, onde a linguagem é considerada como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido.

A linguagem é uma herança social, uma “realidade primeira”, que, uma vez assimilada, envolve os indivíduos e faz com que as estruturas mentais, emocionais e perceptivas sejam reguladas pelo seu simbolismo.

A compreensão da arbitrariedade da linguagem pode permitir aos alunos a problematização dos modos de “ver a si mesmos e ao mundo”, das categorias de pensamento, das classificações que são assimiladas como dados indiscutíveis.

A linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda inventada, que

movimenta o homem e é movimentada pelo homem. Produto e produção cultural, nascida por força das práticas sociais, a linguagem é humana e, tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo.

Nas práticas sociais, o homem cria a linguagem verbal, a fala. Na e com a linguagem, o homem reproduz e transforma espaços produtivos. A linguagem verbal é um sementeiro infinito de possibilidades de seleção e confrontos entre os agentes sociais coletivos. A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui para representar, organizar e transmitir de forma específica o pensamento.

No campo dos sistemas de linguagem, podemos delimitar a linguagem verbal e não verbal e seus cruzamentos verbo-visuais, audio-visuais, áudio-verbo-visuais etc. A estrutura simbólica da comunicação visual e/ou gestual como da verbal constitui sistemas arbitrários de sentido e comunicação. A organização do espaço social, as ações dos agentes coletivos, normas, os costumes, rituais e comportamentos institucionais influem e são influenciados na e pela linguagem, que se mostra produto e produtora da cultura e da comunicação social.

Podemos assim falar em linguagens que se confrontam, nas práticas sociais e na história, e fazem com que a circulação de sentidos produza formas sensoriais e cognitivas diferenciadas.

Nas interações, relações comunicativas de conhecimento e reconhecimento, códigos, símbolos que estão em uso e permitem a adequação de sentidos partilhados são gerados e transformados e representações são convencionadas e padronizadas. Os códigos se mostram no conjunto de escolhas e combinações discursivas, gramaticais, lexicais, fonológicas, gráficas, etc.

As condições e formas de comunicação refletem a realização social em símbolos que ultrapassam as particularidades do sujeito, que passa a ser visto em interação com o outro.

O caráter dialógico das linguagens impõe uma visão muito além do ato comunicativo superficial e imediato. Os significados embutidos em cada particularidade devem ser recuperados pelo estudo histórico, social e cultural dos símbolos que permeiam o cotidiano.

No mundo contemporâneo, marcado pelo apelo informativo imediato, a reflexão sobre as linguagens e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos, e sobre os processos e procedimentos comunicativos é mais do que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada.

As linguagens, por suas características formativas, informativas e

comunicativas, apresentam-se como instrumentos valiosos para se alcançar esses fins. Na escola, o aluno deve compreender a relação entre, nas e pelas linguagens, como meio de preservação da identidade de grupos sociais menos institucionalizados e uma possibilidade de direito às representações desses frente a outros que têm a seu favor as instituições que autorizam a autorizar.

O fazer comunicativo exige formas complexas de aprendizagem. Deve-se conhecer o quê e o como, depois dessa análise reflexiva, tenta-se a elaboração, com a consciência de que ela será considerada dentro de uma rede de expectativas autorizadas.

Entra-se no limite da transversalidade dos usos da linguagem no social. As escolhas individuais impõem-se os limites do social, que envolvem esquemas cognitivos complexos daqueles que podem escolher, porque tiveram a oportunidade de aprender a escolher. Para a maioria, a aprendizagem dessas disposições na escola é fundamental.

As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, criando necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis.

Descobertas humanas foram pensadas para o homem e assim devem ser entendidas. Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos.

Dos discursos inquietadores ou apologistas sobre as novas tecnologias, a escola deve compreendê-las como atividades humanas e sociais, intrinsecamente ligadas à história das lutas da humanidade para a superação dos limites biológicos e para a criação de um mundo social mais democrático.

As tecnologias estão no passado, no presente e estarão no futuro como armas humanas de desvendamento do universo natural e social. A problemática se encontra nas formas de seus usos e não nos fins de sua criação.

É preciso, pois, entender os princípios das tecnologias de informação e comunicação, a fim de não só promover o desenvolvimento tecnológico do país com vistas à competição política e internacional, mas também desenvolver uma consciência crítica sobre as possibilidades

existentes para a solução de problemas pessoais, sociais ou políticos, utilizando-se dos instrumentos existentes para esses fins.

Qualquer inovação tecnológica traz certo desconforto àqueles que, apesar de conviverem com ela, ainda não a entendem. As tecnologias não são apenas produtos de mercado, mas produtos de práticas sociais. Seus padrões são arquitetados simbolicamente como conteúdos sociais para depois haver uma adaptação mercadológica.

As tecnologias da comunicação e informação não podem ser reduzidas a máquinas; resultam de processos sociais e negociações que se tornam concretas. Elas fazem parte da vida das pessoas, não invadem a vida das pessoas. A organização de seus gêneros, formatos e recursos procura reproduzir as dimensões da vida no mundo moderno, o tempo, o espaço, o movimento: o mundo plural hoje vivido.

Novos modos de sentir, pensar, viver e ser, construídos historicamente, se mostram nos processos comunicativos derivados das necessidades sociais.

Cabe à escola o esclarecimento das relações existentes, a indagação de suas fontes, a consciência de sua existência, o reconhecimento de suas possibilidades, a democratização de seus usos, pois as tecnologias da comunicação e informação e seu estudo, devem permear o currículo e suas disciplinas.

5. Considerações Finais

Tendo em vista que esta interdisciplinaridade poderia auxiliar nossos universitários e futuros profissionais em muitas situações, em que a mesma poderia prever quando trabalhada, juntamente com disciplinas de cunho educacional como psicologia, didática, prática de ensino, etc, um auxílio das disciplinas práticas de cunho esportivo devem requerer muito trato comunicativo.

Na educação física, a comunicação está presente em todos os momentos, seja no uso das mãos, através de um gesto, indicando tamanho ou distância ou em gritos durante jogos ou através de sinais, muitas vezes mal interpretados por alunos ou atletas, o que justifica maiores considerações e respeito a esta disciplina que, indiretamente de uma ou outra forma, está ligada sempre com o ser humano.

A fala, a escrita, os movimentos corporais, a arte estão intimamente ligados à cognição, à percepção, à ação, sendo expressões da cultura.

Todos os sistemas procuram tornar os significados comunicáveis. As linguagens se afastam no plano da expressão, constituindo formas próprias de manifestação e voltam a se encontrar no plano do conteúdo, pano de fundo da construção humana dos símbolos.

A objetivação do simbólico em situação escolar pode permitir ao aprendiz a compreensão de sua visão de mundo e de outras, as classificações arbitrárias de fazer ver, crer, pensar, sentir e agir que articulam sob forma de linguagem.

A análise de outras linguagens como a televisão, a cinematografia, a radiofônica e, a mais nova delas, a informática, pode sugerir o encontro, cada vez mais profícuo, nos processos comunicativos, dos sistemas de linguagens.

A Educação Física, articulada pelos jogos construídos no social com esquemas corporais próprios para fins de convivência harmoniosa, amplia o conhecimento do corpo e a possibilidade de compreensão das regras sociais.

O professor deixa de ser uma ilha ao interagir com os colegas, em busca de um projeto coletivo. Não há novidade na proposta. A novidade fica por conta da sua efetiva atualização na escola. Isso demanda conhecimento, participação, disponibilidade, interesse profissional e compreensão do papel social da escola.

Referências Bibliográficas

- BELTRAMI, A. **Comunicação Constroi?:** noções de comunicação social & educação. São Paulo : Shalom, 1976.
- BRACHT, V. **Educação física e ciência:** cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí : Ed.UNIJUÍ, 1999.
- DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo : Scipione, 1992.
- HATJE, M.; CARVALHO, S. Interdisciplinaridade : uma proposta para reunir a educação física e a comunicação social. **Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, Santa Maria, v.3, p. 73-82, 1996.

- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1996.
- LIMA, C.Q.; CARVALHO, S. Comunicação e desporto : uma proposta interdisciplinar. **Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, Santa Maria, v. 3, p. 31-37, 1996.
- MARQUES, M.O. Universidade e contexto. **Contexto e Educação**, Ijuí, 1995.
- MORO, R.L. Primeiras aproximações para uma reflexão sobre novos caminhos da interdisciplinaridade em educação física. **Comunicação Movimento e Mídia na Educação Física**, Santa Maria, Caderno I, p. 7-12, 1993.
- MORO, R.L. Interdisciplinaridade : um caminho para a educação física. **Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, Santa Maria, Caderno II, p. 61-72, 1993a
- PERES, L.S. A comunicação entre técnico-atleta. **Comunicação Movimento e mídia na educação Física**, Santa Maria, Caderno I, p. 51-56, 1993
- PERES, L.S. Distúrbio comportamentais do escolar : uma pequena abordagem de suas causas. **Caderno de Educação Física : Estudos e Reflexões**, Curso de Educação Física da UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, v. 0., p. 91-101, 1999.
- PERES, L.S. ‘Educa-Ação” Física : uma abordagem curricular na formação de profissionais. **Caderno de Educação Física : Estudos e Reflexões**, Curso de Educação Física da UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, v. 1, p. 41-50, 2000.
- PERES, L. S. et al. Educação Física: Abordagem histórica do corpo e novas perspectivas: o corpo, a corporeidade, a motricidade e a educação motora. Cascavel : Edunioeste, 1998.
- PERUZZOLO, A.C. **Comunicação e Cultura**. Porto Alegre : Sulina, 1972.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia** : teorias da educação. São Paulo : Cortez, Autores associados, 1986.
- SEVERINO, A.J. **Pensando a pós-graduação em educação**. Piracicaba : UNIMED, 1993
- SILVA, T. T. da. Descobrendo o construtivismo. **Educação e Realidade**, v. 18, n. 2, p. 3-10, 1993a.
- SILVA, T. T. da. Sociologia da educação e pedagogia crítica em tempos

- pós-modernos. IN: **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993b.
- STEINBERG, C.S. **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- TANI, G. et al. **Educação Física escolar** : fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo : EPU/EDUSP, 1988.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.